

A MOCIDADE.

PERIODICO LITTERARIO.

A mocidade é a esperança da patria.

(MACHADO D'ASSIS.)

ANNO I.

QUARTA-FEIRA 15 DE JANEIRO DE 1862.

N. 1.

A mocidade submette á consideração do publico, o orgão de seus sentimentos.

Sedentos de gloria, e entusiasmados pelo fogo juvenil, lançamo-nos ousados no vasto oceano da litteratura, sujeitos ao perigo que surge em tais emprehensões, mas esperançosos de prosseguir-mos nessa missão, confiados na benevola coadjuvação de nossos illustres assignantes.

Escolhemos o mez de Janeiro para o nascimento de nossa jornal. Oxalá seja uma feliz escolha para ser longo o seu viver.

Semelhantes ao peregrino que após a fadigosa jornada aleança o suspirado termo; assim nós caminhamos entusiasmados, derubando barreiras que se antepõham á nossa perigrinação, assim de aportar-mos á barra que demandamos. Se o caminho por que trilharmos, tornar-se espinhoso, em premio de tanta fadiga, esperamos colher alguns fructos dos arbustos singelles que com carinho plantamos.

A missão a que nos propozemos é espinhosa, e outros menos animosos que nós, teriam succumbido ao peso de revezes; mas era dar má exemplo, cahir a mocidade exausta, quando, cheia de vigor, deve affrontar os perigos.

O nosso jornal será o pavilhão da crença que quando nos vir baquear, tremule e diga:

Avante! Um a um, subiremos os degraus do dever jornalistico, até que, quando atingirmos ao ultimo e nello descansar-mos, possamos lançar olhares vangloriosos sobre o caminho que acabamos de trilhar e receber a palma do triumpho. O nosso modesto jornal é puramente um ensaio, para a cultivação de intelligencias fracas.

Oxalá que estivessemos no caso de melhor obra apresentar ao publico. Mas por ventura os grandes vultos litterarios, nasceram com esse brilho? Não estudaram, não aprenderam, e não se ensaiaram para depois suas reputações poderem ser baseadas solidamente? Porque, pois, devemos desanimar, se a esperança nos entusiasma?

Estudemos, ensaiemo-nos primeiro, e se depois de envidados todos os esforços, se depois de esgotar-mos todos os recursos não conseguir-mos o sim que sonhava-mos; então sim, devemos não desanimar, mas pelo menos lamentar o tempo perdido.

Porém se ainda agora começamos na lide, se ainda agora é que o nosso ensaio vai principiar; devemos esperar o resultado. A conclusão que devemos tirar é, que estudando-se e applicando-se consegue-se saber.

Seja pois a nossa divisa:—Animo e es-tudo, e os olhos fixtos no campo da gloria. Se lá aportar-mos, empunharemos a ban-deira da liberdade, e diremos aos vindouros:—Estudo e animo!

SAUDADES !...

Como sou triste neste momento em que as saudades de minha terra veem se depositar vivas em minha imaginação ardente !... Que sentimento doce e terno envolve meu coração que gême triste recordando-se das prazeres d'outr'ora !... da época da minha infancia, em que fui feliz ! da vida de flores e de amores !... e do tempo em que inocente não conhecia os embustes e falsidades deste mundo ruidoso de immoralidades e corrupções!....

Oh ! que meigas saudades reanimam os tristes suspiros que parlem de meu peito, e que poder sustem meu espirito ao descrecer de to as as affeições que prendem o mancebo aos sonhos dourados do futuro ! !... Ellas vem despertar minha alma que triste vivia immersa na dórra e na melancolia ; vem dar-lhe vida e prazer, assim como o orvalho da manhã embellece as secas folhas da pobre violeta !...

Como feliz é o homem que ausente de seu solo pôde ainda mesmo na tristeza perpassar em sua mente as recordações de um passado mais lindo das flores mais bellas de um jardim de felicidades !... Como não são gratas para aqueles que soffrem as lembrâncias dessa vida de venturas !...

As saudades dos campos formosos em que alegres corriamo, saltando aquelle regatãozinho, que deslizava-se mansamente por entre aquellas campinas, em que a brisa graciosa brincava com as folhas da bonita laranjeira !... Saudades daquellas flores mimosas que colhiamos em nossos jardins e nos enfeitavamos com ellas; as cantigas alegres dos sertanejos que se misturando com os cantos dos passarinhos formavam uma orchestra sublime que em si encerrava os encantos da natureza, saudando a omnipotencia de Deus !... o crepusculo da tarde envolvia em si o quadro mais poetico e mais bello da grande obra do Creador !... enfim todo aquelle panorama que nos encantava a vista e nos enchia de prazer, é uma lembrança doce e pura como os sonhos de innocencia.

Quanto não é bella essa vida ; e quanto não são consoladoras essas saudades ?

E haverá quem não senta uma lagrima correr-lhe pelas faces, um impulso d'alegria

despertar a insomnìa do coração quando se recorda desses tempos de venturas ?... Quem não seja feliz um momento, ao menos, em que as saudades do céo de sua terra, venha dar-lhe um vislumbre de prazer ? !...

No entretanto um dia chega que é necessário ao homem deixar o lugar onde fora desabrochada a flor de sua existencia, os seus campos, os seus passarinhos, tudo, tudo que é seu !... e mais ainda, mais cruel que tudo, que se ausente de uma menina clara, formosa e candida, como a aycena do seu jardim, ella a sua vida, seus suspiros e sua ventura, para ir respirar bem longe, ou tro perfume que não seja o daquelle innocenté flor, ouvir outras palavras que não sejam as de seus irmãos ! sentir outras emoções que não sejam aquellas inspiradas pela belleza de sua patria!

Elle parte... Entra em um mundo novo, em que se vê só !... n'um cercado de mentiras, sem achar um coração que compartilhe os seus pezares, que mitigue as suas dores ! e logra a pratica de uma sociedade falsa e má que lança em seu seio o verme de uma descrença de fé !...

Seu semblante, outr'ora alegre e feliz, ficou emurchecido pela tristeza e pelo enjôo de uma vida de isolamento !... Sens pensamentos puros e innocentes, como os primeiros sorrisos de uma criança, se enregelam pela dórra e pelo desprezo que lhe inspira esse mundo de infamias e egoísmo, porque elle só vê homens sem pudor, sem dignidade, que se abaixam por vis interesses aos sentimentos os mais detestaveis !...

A orgia, a libertinagem e o jogo, são os livros desses loucos mancebos que vão se perdendo na estrada dos vicios, e que tão uteis poderiam ser à patria !...

As senhoras da alta aristocracia, mancham o seu vestido com a nodea do adulterio !... As mulheres vendem, sem pejo, seu corpo ao vintem azinhavrado daquelles que no lupanar da devassidão vão saciar o gozo desses prazeres materiaes !... A virgem casta e pudibunda, na aurora da vida, no viço da belleza, lança por terra o seu manto de innocencia e de virtude e vai, oh ! miseria !... se alistar no exercito de impudicas Messalinas !...

Como a gentil goiabeira que batida por ventos tempestuosos, se quebra, e vergando sobre si, morre sem folhas, ainda na pri-

mavera da vida; assim n' mulher que se perde, atira-se para sempre nesse abysmo de horror e de vergonha! . . .

Eis-ali o mundo que cerca o pobre joven que vive longe dos affectos de seu coração!

Eis o quadro que se apresenta a seus olhos quando elle se vê no meio desta sociedade! . . .

Elle torna-se um descrente, e só vê brilhar em seu espírito uma scintelha de felicidade, quando seus pensamentos se voltam para a sua terra, e as saudades dos tempos de criança se apresentam doces e vivas em seu coração; então uma terna esperança se deposita em sua alma, diminue lhe os desgostos e resaibros dessa vida de tristeza e azedumes! . . .

Oh! como são gratos para o homem, essas saudades queridas! Como não é agradável essa harmonia que se desperta em seu crânio de fogo quando elle se recorda dessa terra de amores?!. . . Um canto de gloria então se eleva, sublime e grandioso, impelido pelo sentimento do amor e do patriotismo que se desperta em seu coração, como o incenso que unido aos hymnos dos anjos se eleva ao trono do Eterno!

E' a saudade, ó esse inebriante sentimento que desperta em sua alma essa alegria estrondosa e essa esperança divina, como o som de uma harpa vibrada ao longe na solidão da noite! . . .

— A saudade é como o meigo suspiro da briza, que beijando as secas folhas de uma pobre sensitiva, lhe dá vida, e belleza! . . .

1861.

R. Montenegro.

A' MORTE!

Bebamos! nem um canto de saudade!
Morrem na embriaguez da vida as dôres!
Qu'importam sonhos, illusões, desfeitas?
Fenecem como as flores!
(José Bonifácio.)

Mancebos, corramos! caminho da morte!
Da vida acabemos tormentos fatais!
Avante, mancebos! buscar melhor sorte,
Da vida ditosos momentos finaes.

Mancebos, avante! Gozaes esta vida,
Tão cheia de enganos, de mil illusões?
Amaes o veneno da taça perdida,
Qu'entorna no peito malditas paixões?

Avante! e deixemos da vida tormentos,
Na campa acharemos abrigo fiel,
Avante, mancebos! em breves momentos,
Da vida se esvãem as gottas de fél!

Qu'importa o bulício do mundo d'enganos?
Qu'importa deixar-mos a vida tão cedo?
Ao menos terminam trabalhos insanos,
Avante, mancebos! A morte, sem medo!

Avante! oh! avante! mancebos, corramos!
Corramos contentes ao termo da sorte!
A vida é terrível, final-a buscamos,
Contentes, alegres voamos à morte!

Dezenbro de 1861.

José Maria d'Almeida.

PORQUE CHORAS?

Porque choras, Elisa, no silencio?
Dize-me: porque choras?
Porque te vejo triste, soluçando,
Nas mais serenas horas?

Acaso nás tens fô no teu amante,
Não crês, Elisa, em mim?
Duvidas dos mais santos juramentos?
Responde, cherubim?

Diz-me, porque choras, minha Elisa,
Diz-me a tua dôr?
Acharás um abrigo respeitoso
No meu sincero amor.

Setembro de 1861.

A. de Souza.

CHOROU... SORRIU!

Morena deu-me uma rosa,
Eu aceitei;
Mas a rosa desbotou-se,
E eu chorei!

« Moreninha, a tua rosa
Desbotou! »
E a morena... coitadinha!
Soluçou.

Dei um beijo na morena,
E a flôr,
Derepente tomou logo,
Sua côr.

A morena, já contente,
Se sorriu ;
Tirou-me a rosa do peito,
E fugiu ! . . .

Viriato.

A LOUCA.

Pobre virgem ! ainda em flôr,
Sentiste a chamma d'amor,
Abrazar-te o coração ;
Transformou-se o paraíso,
No despojo do juiso,
Pelo excesso da paixão.

Como é bella mesmo assim,
Naquelle scismar sem fim,
Naquelle dôr concentrada ;
Donde a lagrima saudosa,
Não lhe hócta vagarosa
Pela face desmaiada.

A sua historia é mui triste,
Porque também nella existe,
O remorso agigantado.
Num momento allucinada
Deixou a mão entrevada
E fugiu c' o bem amado.

Depois disso a sua vida,
Pela loucura abatida
Só tem sido expiação !
Sózinha vive no mundo,
Num scismar mudo e profundo,
Que compunge o coração !

Pobre virgem ! ainda em flôr,
Ja sentes a aguda dôr,
Do remorso e da loucura ;
Possas tu ao menos inda
Gozar a paz déce, infindá,
No dormir da sepultura !

Novembro de 1861.

Flôr sem perfume.

(ORIGINAL.)

I.

N'uma casinha modesta morava uma costureira, gentil e bella. Chamava-se Margarida.

Orphâ de pai e mãe, Margarida vira-se só no mundo. Bella como era, em perigo se achava nesta época ; e, precisando pelas circunstâncias, procurar um meio de, honestamente ganhar a vida, fez-se costureira.

Havia dous annos que habitava nessa casinha, vivendo sempre feliz ; mas um dia, no coração, sentiu vibrar-se-lhe uma corda até ali mada : amava ! Um mancebo bem parecido frequentava diariamente a rua em que ella residia. Quando passava defronte de sua casa, queria andar, mas enteia-lo, parava, tendo seus olhares fitos nos de Margarida.

O amor nesse silencio fizera rápidos progressos !

E' sol posto. Margarida está à janella espraiando a vista por essa natureza fértil, que, no mez de sua ostentação sobressaihia altaiva e magestosa. Passava suas marfinicas mãos pelas negras madeixas de seu expresso cabello, e num momento de reflexão, cravava seus olhares na rua por onde devia aparecer aquelle que ella em silencio amava.

N'um destes momentos ella olhou, mas de repente estremeceu . . . sentiu seu coração palpitar descompassadamente, e . . . sorriu, porque avistou ao longe quem esperava, como de costume, divisar.

Eis o breve retrato do novo personagem : mancebo de 23 a 25 annos, alto, bonito e sympathico. Tinha pequeno bigode preto, sem barba, cabello igualmente preto, e olhos cheios de fogo. Era pintor insigne, e como tal apreciado por aquelles que conheciam o talento do discípulo de Raphael.

Como de costume, elle passou, mas, ou por acaso, ou por premeditação, parou em frente da porta da casa de Margarida. Esta, sem coragem para o encarar fixamente, retirou-se da janella.

O amante, ou por outra, Alfredo de Souza, levantou a cabeça, como se uma resolução firme delle se apoderara: entrou. Margarida ao sentir passos na escada, estremeceu. De subito, no limiar da porta, appareceu Alfredo pallido e titubante. Ella reciou prileiro, mas depois ficou activa e ergueu a fronte orgulhosa e soberana.

Aquella posição magestática, assemelhava-se a uma rainha que impõe leis a seus subditos.

Alfredo entrou sem dizer palavra.

— Que queres, senhor? disse Margarida com uma entonação de voz imperiosa.

Alfredo ao ver Margarida tão severa, recuo.

— Senhora.... disse; eu vinha... de arar-vos meu amor!

— Ide, senhor, sahi de minha casa.

— Seal ora, por compaixão....

— Retirai-vos, senhor, eu sou pobre, mas honesta.

Margarida enganava-se quanto às intenções de Alfredo.

Costumada a saber as ações dos homens no ponto mais pernicioso, ella criminava os geralmente. Amava Alfredo, mas de longe; uma vez que elle resoluto entrara em sua casa com modos exuberantemente românticos, ella trocara esse amor, pela mais completa indifferença.

(Continua.)

Revista da quinzena.

Algumas tiras de papel, pena e tinta, são os materiaes ao dispor de quem tem por encargo encher as ultimas columnas deste periodico; encargo difícil por todos os titulos e ainda mais para quem quasi que começa a trilhar a escabrosa senda litteraria.

No entanto é forçoso que cumpramos o temerario compromisso que os jovens redactores da *Mocidade* nos encarregaram, talvez preferindo quem melhor se incumbisse desse mister. Encharri-se pois as tiras em branco que diviso arte os olhos. Se faltarem factos, inventem-se; se forem excessivos, rasfringem-se, e se forem exigidos, aumentem-se com as considerações que delles sempre proveem.

E terão que a imaginação, quando fer-

til, torna-se o principal elemento para cabal desempenho de emprehensões semelhantes. Esse valioso recurso, infelizmente, não nos foi doado; e, à mingua de tão poderoso auxilio, reconhecemos a impossibilidade de bem satisfazermos o nosso dever.

Serão, porém, inexoraveis os leitores desta modesta folha? Podem elles por ventura desconhecer que o vôo da avezinha que começa a emplumar-se, não pode ser longo? Podem também impossibilitar que o simples botão de qualquer roseira abra as suas petalas e mostre ser ou não bella a flor?

Não por certo, porque tão implacaveis não serão elles!

E as leitoras?

Estas, podemos assegurar, com o sorriso meigo a despontar nos labios e cora o coração reflecto de generosidade, desculpaão os erros que cometermos e baixinho proferirão esta divinal phrase— perdão!

Confiamos, pois, na benevolencia dos leitores e na generosidade das amaveis representantes do bello sexo. Ambos coadjuvar-nos-hão tenazmente, e, seja qual for a estação da lila em que estejam, não podem negar a protecção de que carecemos.

§

A mocidade é a quadra dos risos, dos folguedos, dos amores, das illusões, enfim, da felicidade. Os velhos por ella suspiram saudosos, os homens viris lamentam tel-a perdida e os jovens se entristecem com a lembrança de, em maior ou menor prazo, terem de deixá-la!

Jardim formoso e odorifero da humanidade, palacio altisono adornado de encantos e venturas, álbun doirado do existir mundano; a ti, as nossas sinceras saudades, acompanhadas de sentida queixa por tão cedo nos teres aban tonado!

§

Do nosso patrio terreno litterario, tem ultimamente brotado não poucas flores de rescententes perfumes, e que honram o vergel litterario do paiz.

No romanismo *Paulo*, do Sr. Bruno Seabra; *A filha da risinha*, do Sr. Fernandes dos Reis; *Innocencio Risota*; *O vene-*

no das flores, etc., do Sr. Dr. Macedo; *Uma vítima do amor*, do Sr. Silvio Rangel; *Pelo aluguel de um carro*, do Sr. Visconti Coaracy: são produções dignas de leitura e que desejamos que sejam lidas e apreciadas pelos nossos leitores que delas não tenham conhecimento.

Na poesia — *As trovas burlescas* de Getúlio, no fim das quais se divisão os soberbos cantos *A Rodrigues dos Santos*, *A Garibaldi* e *A Calabor*, fructos de uma inteligência superior que honra a família Andrade de immortal recordação; *As obras de Alvaro de Azevedo* ultimamente dadas à lume em 2^a edição; e os *Cantos líricos* do Sr. Joaquim Norberto, são desses mímos elevados, oferecidos à pátria que se usava de ter dado o berço a esses seus tão distintos filhos.

Nos estudos históricos — *Os passeios* — do Sr. Dr. Macedo; *Os pequenos panoramas* e *Os ensaios biográficos* do Sr. Dr. Moreira de Azevedo; *Os episódios* do Sr. conego Pinheiro, e *As Brasileiras celebres* do Sr. Joaquim Norberto, escusão ser recomendados. Tão importantes e necessários são os conhecimentos históricos que julgamos nada dever acrescentar a respeito.

Na literatura dramática *O luxo e vaidade*, *A torre em concurso* e o *Noro Othelo* do Sr. Dr. Macedo; *Os Mineiros da desgraça* do Sr. Quintino Bocayuva; *A história de uma moça rica* do Sr. Dr. Pinheiro Guimarães, e a *Sete de setembro* do Sr. Valentim Lopes, são os emblemas reluzentes que vaticinam o progresso desse importante gênero de literatura e marcam a mais gloriosa época da *Companhia dramatica nacional*, onde tem sido devidamente representadas.

No jornalismo — *A revista popular*, *A semana ilustrada*, *O album litterario*, *O Acajá*, *A primavera*, *O Hemerodromo da juventude* e *A saudade*, quasi todos redigidos e sustentados por esse — gigante do porvir —, nas solemnas phrases do Sr. Dr. Magalhães; demonstram a existencia de horticultores habéis para abrillantarem o jardim das bellas letras com as mais perfumeas flores.

Na musica — *A noite do Castello* do jovem maestro o Sr. A. Carlos Gomes.

Na pintura — *A primeira missa no Brasil*

do Sr. Victor Meirelles; são padrões de glória que devem perpetuar o brasil artístico e os seus brasileiros autores.

Mas nem tudo são flores! De permeio a essas bellas composições, tem aparecido algumas produções que felizmente rastejam, quasi esquecidas, na superfície da terra.

§

Já que tanto nos estendemos ácerca das bellas letras, em segredo damos aos leitores a grata notícia de que em breve tempo o nosso horizonte litterario se mostrará adornado de mais algumas estrelas que ainda não são visíveis porque uma nuvem rouba de nossos olhos!

São elas: *As poesias* do Sr. Dr. Luiz Delphim, a quem se espera concede o título de Victor Hugo Brasileiro, as do Sr. Bruno Seabra, nosso estimado e conhecido poeta e romancista, e as do Sr. Almazan Azambuja, jovem e inteligente que tem ante si um futuro immenso; *O filho e o pai*, drama do Sr. Luiz Ayque, tão mode-lado quanto ilustrado mancebo; *Um anjinho*, azas, comédia de não vulgar merecimento que illustrará o nome da distinta autora, e, outras composições poéticas, românticas e dramáticas que não descrevemos porque seus títulos e autores não são desconhecidos.

§

E para lastimar-se o senecimento das mimosas e instructivas folhas — *Album litterario e hemerodromo da juventude*, dignas de longa vida!

No entanto, com pezar confessamos, não temos uma aula ou qualquer causa inerente à literatura, que sirva de estimulo ás vocações nascentes! São estas iguaes ás plantas que vivem rachíticas por falta de cuidado!

Mesmo dos nossos conhecidos e acatados litteratos, quaes são os que se dignão aconselhar e guiar a mocidade estudiosa n'uma senda tão intrincada?

A mocidade, porém, não é, nem pôde ser inactiva. Se bem não possua quem dessoladamente a conduza ao pharol resplandecente onde Minerva tem sua sède, não se olvida de, por si mesmo, envidar as possiveis forças para encetar uma tão

arriscada jornada; e, não obstante encontrar este ou aquelle embaraço, tal ou qual escolho, se hoje se sente cansaça, amanhã recobra as forças de que precisa e segue a viagem que tem o unico inconveniente de tornar-se demasiadamente longa.

§

Porque se não ha de instituir uma escola de litteratura que abranja os respectivos matizes? Podem ser desconhecidas as vantagens que della necessariamente provirão? O deficit considerável que assusta a todos e que se desenvolve prodigiosamente, será motivo plausível para não ser o paiz dotalo de uma medida de tão transcendente monta?

Pois bem; admittida esta tamanha circunstancia, ainda se faz deparar um meio para effectuação de tão util obra; e, se os poderes do Estado entendem não ser conveniente a instrucção popular, encarreguem-nos de fundar um curso de litteratura. Teremos na verdade mais esse duplo onus; mas não estamos a isso acostumados?

Quantas vezes satisfazemos os impostos decretados para um mutuo fim, e depois, se o queremos obter, mister se nos torna concorrer segunda vez?

Nao supporta o povo com todos os onus, vexames e serviços, excelsas prerrogativas que a elle dizem pertencer? Concorramos, pois, para a realização de tão nobre empreza que dar-nos-ha em premio do capital pecuniario que empregarmos um não pequeno lucro intellectual.

Avante, pois, mocidade! A paralysia não aproveita a ninguem, disse-o na tribuna parlamentar esse astro luminoso do nosso parlamento! A divisa do Sr. Dr. José Bonifacio, e — progresso, — e nós que nos consideramos na primavera da vida, não podemos deixar de combater as idéas retrogradas e de batalharmos sob as ordens do chefe da ciencia pacifica e instructiva que se torna necessaria ao paiz que assim sahirá do estado de torpor em que tem ultimamente vivido!

Uma outra palpitante necessidade, é a reforma do nosso theatro normal.

Contrista-nos demasiadamente o espectaculo acabrunhador que se divisa n'esse templo d'arte que tem em si a circumstan-

cia de tornar más os actores sofriveis n'outros theatros, e sofriveis aquelles que se apreciam como bons!

Em S. Pedro, encontra se o elemento desprestigialor da arte! Uma completa antitese do que merece ser observado, infelizmente se distingue na empreza dramatica subitamente protegida pelos cofres do estado! As *Româs encantadas*, *Sansões* e outras queijandas do autor do *Vinte Nove*, continuam a satisfazer os frequentadores d'essa escola de instrucção; e, em quanto o *Gymnasio* sem o menor auxilio do Estado, fornece à populacão da corte dramas e comedias como *O Pelotiqueiro*, *A Filha dos Trapeiros*, *os Mineiros da Desgraça*, *A Peccadora* e *A Historia de uma moça rica*, aquelle vasto recinto que nos legou as melhores recordações artisticas, desfruta o *certo* subsídio facultalio na intenção de ser elle fecundo e não estéril.

De tudo isso, resta-nos a crença, arreigada infelizmente em quasi todos os peitos, de que o nosso theatro normal não corresponde á expectativa publica e nem contribue ao auxilio que ainda se lhe dispensa.

Onde quem compete para isso e tome as devidas providencias porque é mister fanar-se o mal que tem gangrenado o nosso estipendio lo theatro dramatico.

Inda nos resta fallar da exposição nacional, desse notavel acontecimento nacional que nos pôde facultar immensa utilidade factura; falta-nos, porém, para isso, espaço, sucesso que igualmente se dá relativamente ás preciosas vidas este mez ceifadas tão impiamente.

No proximo numero, prometemos cumprir esse tão triste e grato dever; triste — quanto ao sentimento de que nos achamos possuidos pelo ultimo compromisso, grato em relação ao primeiro.

O programma da *Mocidade*, inserido nas primeiras columnas, define os desejos de seus fundadores que francamente confessam necessitarem do insulto e animação publica.

O pedido la *redacção* tão facil de ser realisado, merecerá a devida attencão da parte dos nossos leitores?

Nao hesitamos em afirmar.

O fructo não pôde ser improficio, se as vistas da *redacção* forem secundadas pelos esforços que anhela lograr. A recompensa

nossa firmar-se-ha na mais profunda gratidão. Se (o que não esperamos) nos arremessarem louros, de bom grado os cederemos aos nossos protectores ; se, porém, os espinhos nos ferirem demasiadamente em quanto perigrinarmos, contamos que os nossos leitores nos darão prestes o antídoto preciso para serem cicatrizados os golpes que recebermos !

Só assim poderemos chegar á terra da promissão.

1861.

Felix.

Fragments de um manuscrito.

AO SR. ALMEIDA PINHO.

I.

Eu sinto n'alma um crepe funebre que me esmagaa crença creando o scepticismo. Um gelo tumular abafou os sentimentos nobres do coração puro, e a explosão vulcanica foi produzida pela chamma ardente e corrupta da sociedade hypocrita. Feneceram uma a uma as mais risonhas illusões, murcharam as esperanças, e despedaçou-se o argentino véo do futuro brilhante. Samiram-se no abysso do esquecimento de fragmento em fragmento os elementos da vida. Um raio fulminou a minha existencia semeada de flores e os espinhos nasceram mortaes, envenenados pelo bafo impuro da hypocrisia, e manchados pela nodoa de um crime.

Vi resignada caminhar a mocidade; sofri com o riso nos labios tudo : porque amava ! Depois, veio o pavoroso anjo da morte com funereos braços cingir a virgem de meus sonhos. Soltei um grito terrivel, espantoso, de dôr e de ahonha :—desmaiiei...

II.

Accordei, e senti-me banhado em suor frio, fraco e abatido pelo peso de uma dôr immensa. Olhei o mundo, e tremi...

Não encontrei o encavlo de minha vida : vi um tumulo immenso coberto de um manto funerario e terrives.

N'uma noite tenebroa, desesperado pela perda de meu primeiro e puro amor, arro-

jei-me sobre a campa e cingi-a com meus braços : chorei. Tive um sonho cheio de poesia e de amor.—Minha amada tinha-se levantado do tumulo, pallida e fria.

Vinha vestida com uma mortalha lugubre, e ornada de uma grinalda branca como a nave, mas uiurcha. Chegou-se a mim. Accordei daquelle sonha espantoso e conteplai-a com amor e com medo. Aquelle olhar tinha gelo, e eu queria fogo, muito fogo de amor !

• • • • e disse-me :

— Não esperavas tornar a ver-me ? Vim ! vim para te contemplar, porque a lousa do meu tumulo não podia gelar a ardentia do meu amor ; Vim para te levar comigo ao seio da campa... E tão bello o sepulcro ! Tão bello ! Reina lá uma serenidade de morte. Não se houve o bulício do mundo, tudo é silencio. Dorme a alma n'un sonho poetico, porque já está separada do corpo. Vém ! Vém ! Vamos gozar um amor bello, poetico e sublime ! Vém ! Não posso viver sem ti !

III.

Accordei. Era dia, e os meus braços ainda cingiam aquella campa. Voltei-me e vi o mundo ; o mundo perverso, a sociedade corrupta que ria da pureza de meu amor. Senti o halito das orgias ; conteplai scenas de voluptuosas lascivias. Morreu-me no peito todo o sentimento nobre. Corri como um incensato, abracei a vida baccanal, e no fervor entusiastico dos vapores da embriaguez, exclamei ebrio :

« *Convivas do prazer vinde comigo !* » (1)

IV.

• • • • e quando a morte cerrou-me os cílios, eu era um criminoso que cançado do materialismo da existencia estupida, tinha caído exhausto, à beira do sepulcro...

1861.

Viriato.

(1) B. da Silva.